

# A LEITURA ESSENCIAL, UMA ABORDAGEM FREIRIANA

## THE ESSENTIAL READING, A FREIRIAN APPROACH

## LA LECTURA ESENCIAL, UN ENFOQUE FREIRIANO

Isabelle de Luna Alencar Noronha<sup>1</sup>  
Eliacy dos Santos Saboya Nobre<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo busca refletir a leitura a partir de uma abordagem freiriana com o objetivo de fortalecer a reflexão neste âmbito. Para tanto, colocamos, inicialmente, alguns questionamentos, como: o que é leitura? O que move/incentiva o leitor à leitura? Como abordar uma leitura essencial em Paulo Freire? Tais indagações se apresentam nesta escrita ao tempo em que apontam caminhos para o alcance de objetivos que seriam compartilhar experiências leitoras por meio de práticas docentes e vivências em salas de ensino fundamental (anos iniciais). Apresenta e discute dados de pesquisas e enquetes realizadas sobre a temática em questão. Concluindo que uma leitura essencial se efetiva quando há criticidade, politicidade e emoção.

**Palavras-chave:** Educação; literatura; ensino.

**Abstract:** This article seeks to reflect the reading from a freirian approach in order to strengthen reflection in this area. Therefore, we initially raise some questions, such as: what is reading? What moves/encourages the reader to read? How to approach an essential reading in Paulo Freire? Such questions are presented in this writing at the same time that they point out ways to reach goals that would be to share reading experiences through teaching practices and experiences in elementary education classrooms (early years). It presents and discusses data from research and surveys carried out on the subject in question. Concluding that an essential reading is effective when there is criticality, politics and emotion.

**Keywords:** Education; literature; teaching.

**Resumen:** Este artículo busca reflejar la lectura desde un enfoque freiriano para fortalecer la reflexión en este ámbito. Por tanto, inicialmente planteamos algunas preguntas, como: ¿qué es leer? ¿Qué mueve / anima al lector a leer? ¿Cómo abordar una lectura imprescindible en Paulo Freire? Tales preguntas se presentan en este escrito al mismo tiempo que señalan formas de alcanzar metas que serían compartir experiencias de lectura a través de prácticas de enseñanza y experiencias en las aulas de educación primaria (primeros años). Presenta y discute datos de investigaciones y encuestas realizadas sobre el tema en cuestión. Concluyendo que una lectura esencial es efectiva cuando hay criticidad, política y emoción.

**Palabras clave:** Educación; literatura; enseñando.

### Iniciando o diálogo sobre ler palavras e mundo

Esse é um texto dialógico, parte de reflexões freirianas e aborda a leitura, assim, ao começar esse diálogo é interessante lembrar que Daniel Pennac (1994) ao elencar os “direitos imprescritíveis do leitor” cita como direito um, o “de não ler”, nesse sentido, perguntamos se estaríamos isentos de ler na sociedade contemporânea que se organiza pela escrita? E assim,

---

<sup>1</sup> Universidade Regional do Cariri (URCA) – CE.

<sup>2</sup> Universidade Regional do Cariri (URCA) – CE.

pensamos que seria injusto com o autor não citar o direito sete, no qual afirma “o direito de ler em qualquer lugar”, sim, e em qualquer lugar há possibilidades de leitura, mas qual leitura?

A leitura das letras da palavra escrita que indica, por exemplo, endereços e produzem encontros e reencontros entre pessoas, dizem do lugar da morada e onde se almeja chegar. É uma escrita que identifica transportes públicos, o nome do parque, hospital e supermercado, que traduz os rótulos dos inúmeros produtos a consumir e seus respectivos prazos de validade, se for o caso. Ainda há a escrita de palavras que conferem identidade ao ser, que confirmam quem somos, onde estamos, e, por vezes, até, como estamos. As muitas e diversificadas leituras provenientes das mídias digitais. Estes são apenas pequenos exemplos para uma leitura de palavras que tem como objeto as ações e preocupações de práticas sociais cotidianas. Há, ainda, as leituras mais profundas, fora de tais citadas ordenações, mas não a elas alheia, são as leituras de deleite, as literárias. Àquelas que estão à disposição nos livros de poesias, contos, fábulas, novelas dentre outros gêneros. Poderíamos citar também as leituras de cunho científico, são tantos objetivos de palavras escritas que este texto não seria capaz e também não é sua meta descrevê-los, queremos apenas chamar a atenção para um fato o de que a leitura está em todos os cantos, mas ler e escrever não são aprendizados natos, carecem de socialização, de ensino e de aprendizagem.

Se tomarmos os estudos da psicogênese da língua escrita, vamos encontrar que o processo de construção da leitura vai se efetivando no ser à medida em que aprende, quando este vai se colocando hipóteses, questionando, tentando entender, inicialmente, o que significam esses “pontinhos pretos num papel em branco”, perguntas que vão se complexificando até que o entendimento seja completo. Símbolos que representam algo, que dizem algo para quem os domina, que desafiam quem não os entende.

Os teóricos da Escola Nova consideraram já desde o início do século passado que a criança aprende em interação com o objeto do conhecimento, nesse sentido Decroly criou um método audiovisual de alfabetização, assim a criança podia ver o objeto representado e associá-lo à escrita. Maria Montessori criou o alfabeto móvel, letras soltas para que, brincando, fosse possível escrever. Com Celestin Freinet a escrita ganha um significado maior, a arte da comunicação, escreve-se para narrar aulas-passeio e/ou um jornal escolar. Foi, no entanto, o educador Paulo Freire que nos anos de 1960, ainda no século passado, chamou a atenção para um detalhe fundamental, o de que a “leitura de mundo precede a leitura da palavra”, não sendo possível ler a palavra escrita sem relacioná-la ao seu sentido de representação de algo que está, forma ou deforma o mundo. O citado autor criou o que ficou conhecido como “Método Paulo Freire” de alfabetização. Neste sentido, fazemos nossas as palavras de Araújo Freire (2006, p. 346) quando sublinha que

[...] a possibilidade de alfabetização do povo brasileiro por meio do ‘Método Paulo Freire’ era, e continua sendo, uma tática educativa para atingir a estratégia necessária: a politização no sentido da verdadeira democratização da sociedade. Isso quer dizer que a sua proposta é da *leitura da palavra* que implica a *leitura do mundo*, ou da *leitura do mundo* que exige a transformação da sociedade injusta. Por isso, propõe dentro do Método a educação problematizadora.

Paulo Freire alertou ao fato de que as palavras não são neutras, carregam significados que por vezes não aparecem expressamente, é preciso pensar sobre, entendê-las no não dito, ou, dito de forma subliminar. As palavras estão “grávidas de mundo”. Suas ideias, inicialmente, pautaram-se no âmbito da alfabetização de jovens e adultos, mas logo se percebeu que não poderia a este campo se restringir, pois suas formulações traduziam concepções de educação, de mundo, de sociedade, de sujeito, pautam-se na ética e na estética de ser e estar no mundo, construindo a história como possibilidade.

O aprender a codificar e decodificar os códigos da língua escrita é apenas o primeiro e permanente passo, saber ler e escrever é um direito, tal como consta na Constituição Federal

de 1988, “inalienável do cidadão”. Infelizmente, direito ainda não concedido numa sociedade pautada pela desigualdade social.

Com estas compreensões iniciais, é que este texto nos convida a pensar a leitura como inerente à vida, inicialmente trazemos a leitura em Paulo Freire e, a seguir, problematizamos dados de recentes pesquisas neste campo, para tecermos palavras finais que nos convidam à ampliação da reflexão da temática aqui ensaiada.

### “O menino que leu o mundo”, o que descobriu?

Tomando por empréstimo uma definição de Brandão (2014) “o menino que lia o mundo” para continuarmos este debate, enfatizamos que a relação de Freire como a leitura era uma relação de amorosidade. Percebemos isso nas primeiras páginas de “A importância do ato de ler”, quando relata, no retorno à casa paterna, suas primeiras experiências com o seu mundo imediato e como aprendeu a lê-lo,

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia – e até onde não sou traído pela memória –, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e revivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós – à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores. (FREIRE, 1989, p. 9)

O citado autor narra em detalhes a sua primeira experiência leitora e aponta um caminho fundamental como ponto de partida para qualquer processo de ensino da palavra-escrita, a “palavramundo”, ou seja, àquela que remonta a cheiros, gostos, medos, angústias, felicidades, recomeços, perdas, raivas, alegrias... Palavras que por estarem no mundo não são neutras, o representam, podem ajudar em processos de libertação ou de escravidão.

Em “Ação cultural para a liberdade e outros escritos”, Paulo Freire (1987) faz uma sucinta descrição das concepções de alfabetização de adultos, denominadas de ingênua, astuta e crítica.

Na intelecção de Paulo Freire (1987), o analfabetismo, numa percepção ingênua, é encarado ora como uma enfermidade, ora como uma chaga ou erva daninha. Consoante tal ideia, a alfabetização seria definida como a prática depositante de palavras, sílabas e letras na cabeça dos alfabetizandos, traduzindo-se, portanto, numa autêntica educação bancária. Nesta forma de conduzir a aquisição da leitura e da escrita, não haveria, por pura ingenuidade do educador, nenhuma discussão acerca da realidade social na qual os alfabetizandos estão inseridos. Não se reconhecendo como um ser histórico, político e crítico, o educador não fomenta a leitura do mundo aliada à leitura da palavra.

Numa “alfabetização astuta”, o educador, consoante os pressupostos freirianos, também não vai desvelar a realidade socioeconômica vigente junto com os seus educandos, porém não o fará por escolha, por ter feito uma opção a favor de uma prática reacionária, pautada na domesticação. A politicidade da alfabetização que realiza corrobora a reprodução do *status quo*. A realidade das relações capitalistas de trabalho, por exemplo, não será problematizada de uma maneira analítica por opção política do educador, que, se sabendo político, opta pela permanência do atual estado de coisas. O educador, nesse caso, optará pelo silêncio, pelo não exercício do diálogo em suas aulas, ou dialogará sob a ótica dos “dominantes”, negando, por exemplo, as discussões a propósito das condições e interesses históricos dos trabalhadores sob essa lógica capitalista excludente.

Tais práticas, ingênua e astuta, denotam muitas similitudes, pois ambas reforçam nos educandos a acriticidade e o conformismo em face dos condicionantes econômicos, políticos, sociais e culturais. Elas, mediante a omissão ou/e a distorção crítica, auxiliam o alunado, que está aprendendo a fazer suas primeiras leituras, a legitimar, internalizar, naturalizar e reproduzir as relações sociais capitalistas pautadas na opressão, na submissão, no individualismo, na violência, no consumismo exacerbado e no preconceito de variados matizes (classista, sexual, racial, linguístico, religioso etc.). Exibindo essas semelhanças, ambas, nos adverte Freire (2003), são idênticas, todavia, se diferenciam pela subjetividade dos que coordenam o ato educativo: os professores.

Na verdade, objetivamente uns e outros obstaculizam a emancipação das classes e dos grupos sociais oprimidos. Ambos se acham marcados pela ideologia dominante, elitista, mas só os “astutos”, conscientemente, assumem esta ideologia como própria. Neste sentido, estes últimos são conscientemente reacionários. Por isso é que, neles, a ingenuidade é pura tática. Assim, a única diferença que há entre mim e um educador astutamente ingênuo, com relação à compreensão de um dos aspectos centrais do processo educativo está em que, sabendo ambos, ele e eu, que a educação não é neutra, somente eu o afirmo. (FREIRE, 2003, p. 29-30).

Ainda no diapasão freiriano, o analfabetismo, numa visão crítica, é compreendido como uma das expressões das desigualdades socioeconômicas, produto das injustiças do sistema capitalista. Assim, numa alfabetização libertadora, as palavras e os temas geradores devem vir do universo vocabular dos próprios educandos, que são sujeitos, e não objetos desse processo. E mais: nesta prática educativa é preciso problematizar o próprio analfabetismo.

Nessa alfabetização crítica postulada por Freire há o desenvolvimento de uma visão lúcida e totalizante da realidade. A alfabetização é um fenômeno abrangente, que vai muito além do aprendizado da leitura e da escrita. Há a assunção de que não há absolutização do saber ou da ignorância. Os alfabetizandos começam a ter consciência do mundo do trabalho e da cultura, compreendendo, portanto, que são detentores de muitos saberes advindos destes complexos. A alfabetização crítica, dialógica e política, é traduzida como uma “ação cultural para a liberdade”. Destarte, estamos diante da dialeticidade da educação: reprodução e libertação. Acerca disso, ele assim nos explica:

A educação reproduz a ideologia dominante, é certo, mas não faz apenas isto. Nem mesmo em sociedades altamente modernizadas, com classes dominantes realmente competentes e conscientes do papel da educação, ela é apenas reprodutora da ideologia daquelas classes. As contradições que caracterizam a sociedade como está sendo penetram a intimidade das instituições pedagógicas em que a educação sistemática se está dando e alteram o seu papel ou o seu esforço reprodutor da ideologia dominante. (FREIRE, 1989, p. 16)

Se a educação não apenas reproduz, ela pode ajudar a transformar. O nosso processo de luta reside pois no poder “real” e “limitado” que os processos educativos possuem de “intervenção no mundo”, e, neste campo, a leitura tem um papel fundamental, ou seja, a leitura de “palavramundo” como prática diária de vida.

Após dominar códigos e protocolos de leitura se esta não for praticada, pode perder-se e os alfabetizados podem vir a tornarem-se “analfabetos funcionais”, definidos como aqueles que embora saibam decodificar letras e números, são incapazes de compreender textos simples.

Identificamos, pois, o papel social da leitura advinda de um processo de alfabetização que seja crítico, que tenha propósitos de emancipação política e social, um processo que forme leitores capazes de ler e reler o mundo, leitores que, ainda que não precisem, escolham ler.

### **Formar leitores, ser leitor, os desafios da docência**

Em dados coletados pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica – SAEB (2019) dentre os 199.599 de professores que responderam a um questionário, 198.592, especificamente, responderam a uma questão cara à nossa atual discussão, a saber: “7. Neste ano, o que normalmente você tem feito quando está fora do(s) seu(s) local(is) de trabalho?” Gostaríamos de refletir esse item tomando, apenas, o percentual relativo ao “sempre”, colocando que além desta, ainda se encontram as opções nunca, poucas vezes e muitas vezes.

Dentre os que afirmam sempre ler, estão: 54% que afirmam sempre fazer leituras de notícias por meio de jornais, revistas, internet etc.; 22% leem livros não relacionados à educação; 42% acessa a *blogs*, *youtube*, redes sociais (*twitter*, *instagram*, *facebook* etc.); assistem filmes: 30%; frequentam exposições (museus e centros culturais): 8%; participam de festas na comunidade (igreja, bairro, etc.): 27%; estudam: 58%; assistem telejornal: 46%.

Tais dados desnudam uma realidade pouco animadora, é certo que centros culturais, museus e exposições nem sempre estão disponíveis na maior parte do país, o que justifica o menor percentual de “sempre ir” para tais centros, com 62% estão os que afirmam ter ido poucas vezes e 14% que nunca foram. Ler notícias pela internet e assistir a telejornal está na faixa dos 50% dos que afirmam ser esta uma prática constante e 30% “muitas vezes”, é preocupante porque isto implica em leitura de mundo e atualização, o que é indispensável à profissão docente. Outro dado preocupante é quanto à leitura de livros não pertinentes à educação, apenas 22% afirmam ler, com 40% que fazem estas leituras “poucas vezes”.

Importante salientar ao ver tais dados é que o mundo da cultura e da educação devem estar entrelaçados, assim, atividades como acesso a produções cinematográficas, literaturas, *shows* musicais, documentários, teatros, viagens, dentre outras fazem parte de um projeto de formação humana integral, que objetive a apropriação de capital cultural. Tal capital implica, também, em reconhecimento da cultura local, em estabelecer com esta um diálogo fecundo. A matéria a ser ensinada na escola veio da prática social, de seus modos de ser, fazer, se comunicar, viver, é preciso, pois, estabelecer conexões entre o ensino e a prática social. No caso da formação leitora é importante dizer que um não leitor não poderá formar leitores.

Infelizmente, numa sociedade dividida em classes, os usufrutos de bens socioculturais não estão disponíveis para todos de forma equitativa, muitas vezes a vontade de conhecê-los/vivenciá-los é suprimida pelas obrigações de uma luta diária em que o objetivo de ganhar o pão de cada dia se faz soberano.

É preciso lembrar, também, que de uma forma geral todos somos “fazedores de cultura”, e é necessário estarmos abertos para deixarmos que as culturas dos movimentos sociais encontrem lugar de diálogo com a prática escolar e possa estabelecer nexos destas com o conteúdo a ser ensinando cuja matéria primordial é a vida. Como? Partir do conhecimento da vida dos sujeitos, de suas realidades e memórias, das suas construções de conhecimentos, sem diagnósticos preconceituosos e ou negativos. Isso significa seguir o exemplo de dona Eunice Vasconcelos que, para Freire (1989), soube respeitar a sua leitura de mundo e fortalecer nele, ainda em sua primeira experiência escolar, o gosto pela literatura, que mais tarde se fez presente por toda a sua vida.

E ele conta que quando chegou na escola e já sabia “ler muita coisa” do mundo das coisas, das pessoas, da vida e do mundo das palavras, ele aprendeu algo muito importante. Aprendeu que para aprender os “ensinos” da ESCOLA – a

“escolinha-de-primeiras-letras” – ele não precisava deixar de aprender as lições do MUNDO e as lições da VIDA. Ao contrário, quanto mais ele aprendia de novo a ler letras, a ler fonemas, a ler palavras, a ler frases, a ler histórias e a ler livros inteiros, cada vez mais ele queria seguir aprendendo a ler as outras leituras da VIDA e do MUNDO. (BRANDÃO, 2013, p. 8-9)

Se tomarmos a literatura podemos afirmar que a matéria prima desta é a vida, “aprendemos muitas coisas em casa, na escola, com amigos e com lições de pessoas mais sábias e mais espertas do que nós. Mas muitas das coisas mais valiosas que sabemos vieram da literatura que lemos” (SUTHERLAND, 2019, p. 10). Pelos livros lemos vidas e podemos também fazer esse movimento de forma inversa.

Atualmente, a nossa vida foi/está sendo bombardeada por vários inimigos: a violência, a miséria, a fome, o vírus (coronavírus), que só no Brasil já ceifou 591 mil vidas (dados de 16.09.21) e por projetos políticos antagônicos e em disputa crescente. Há crise em todos os setores: o econômico, o político, o social, de saúde, de emprego, o moral e o ético, enfim uma grande crise humanitária.

Vivemos numa sociedade altamente tecnológica, mas profundamente desigual. O vírus que surgiu em 2020, invisível a olho nu, mas, como citamos, extremamente letal, agravou ainda mais um cenário que já estava ruim. Aprofundou o fosso entre ricos e pobres, herança de uma sociedade colonialista e escravagista.

Para conter o vírus, cientistas do mundo inteiro recomendaram, dentre as principais medidas, o “distanciamento social”, tal medida fechou fisicamente escolas e demais instituições de ensino. Como resposta, os profissionais da educação passaram a fazer uso de tecnologias digitais.

O ensino pela tela do computador e/ou de aparelhos celulares, começou, ao menos para a maioria da população brasileira, de forma amadora, sem as devidas condições, faltando internet e aparelhos para professores e alunos, além da falta de habilidade para lidar com o temido, difícil, maravilhoso, intrigante e perigoso mundo *on-line*.

Trazer o trabalho da escola para casa não seria uma novidade no mundo docente, a não ser por um critério, o trabalho veio de forma completa e causou, às mulheres especificamente, uma sobrecarga na conciliação de afazeres domésticos e profissionais. Isso aliado ao medo da *Covid 19*, a doença que o vírus causa; do luto mal vivido decorrente das perdas que não tiveram direito aos tradicionais rituais de despedida; dos efeitos da crise econômica.

Enquanto esse texto é escrito, devido a descoberta da vacina e ao avanço desigual de vacinação entre países e estados, estamos num processo de reabertura das escolas, inicialmente de forma híbrida, mas logo será de forma presencial. O perigo do vírus continua, agora com as variantes do mesmo, mas é certo que já é a hora de recomeços.

Recomeçar com os mesmos e outros desafios a serem enfrentados implica em resiliência e resistência. Ano passado, logo nos primeiros meses de pandemia, realizamos, via *google forms* com a participação da turma de alunos/as de uma universidade pública estadual, matriculados(as) na disciplina Literatura e Ensino, uma enquête da qual participaram 22 professores da rede pública de ensino de três cidades da região do Cariri cearense, que objetivou responder basicamente o que os professores dos anos iniciais do ensino fundamental liam e como estes incentivavam a leitura em suas salas de aula. Importante dizer que destes, três afirmaram não gostar de ler, os demais se afirmaram leitores. Dois fizeram referência à falta de tempo para ler, o que lembrou a sexta edição da pesquisa Retratos de Leitura no Brasil (2019) que entrevistou 8.076 pessoas em 208 municípios do Brasil, destes, 47% apontaram a falta de tempo como obstáculo a quem gostaria de ler mais. Um dado interessante revelou que o gosto pela leitura para 17% veio por meio de um professor/a e para 16% se deu por uma mãe ou responsável do sexo feminino. O que evidencia o quanto um leitor pode influenciar na construção do gosto da leitura.

Em nossa enquete, entre os 22 docentes aos quais aplicamos o questionário, o autor mais citado de suas leituras foi Augusto Cury, que também o foi entre os 18 mais citados na pesquisa supracitada “Retratos da leitura no Brasil” (2019), representando 31% ao lado de João Ferreira de Almeida, também com 31%. Augusto Cury é psiquiatra e sua obra traz temáticas psicológicas: liderança, autoestima, motivação, dentre outros temas tão necessários ao enfrentamento dos anteriormente citados problemas cotidianos.

O segundo autor mais citado em nossa enquete foi o professor Paulo Freire, assim, podemos afirmar que as formulações teóricas da Pedagogia Libertadora também ocupam um papel de destaque no discurso desse professorado que atua no Ensino Fundamental, podendo fomentar leituras críticas dos textos e da realidade vigente.

Outros nomes se fizeram presentes, a exemplo, dentre outros, de Clarice Lispector, José de Alencar e Carlos Drummond de Andrade.

A nossa limitada enquete nos colocou diante de um quadro esperançoso em que a literatura está presente na escola, tanto na prática leitora de seus docentes, como na prática pedagógica dos mesmos que afirmaram desenvolver saraus literários e projetos para o incentivo da leitura na escola. O que é muito pertinente posto que percebemos que a maioria dos nossos alunos/as dependem da escola e dos professores para desenvolverem o gosto por ler.

Voltando ao início deste diálogo, quando citamos Penac (1994), o direito cinco reporta-se ao “direito de ler qualquer coisa”, isso é importante porque implica na necessária autonomia do leitor e no seu relacionamento com a leitura de mundo e da palavra. No ensino formal, grande parte das leituras são direcionadas e, neste sentido, é fundamental que a escola e seus professores, na esteira das formulações freirianas, também estimulem a autonomia, a criticidade diante dos textos, a curiosidade epistemológica e o “pensar certo” dos educandos e educandas. Em seu último livro publicado em vida, o clássico “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”, Freire (1996) nos adverte sobre o compromisso com a leitura e a necessária assunção de se tornar sujeito desta ação,

Não se lê criticamente como se fazê-lo fosse a mesma coisa que comprar mercadoria por atacado. Ler vinte livros, trinta livros. A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. Ao ler não me acho no puro encaixo da inteligência do texto como se fosse ela produção apenas de seu autor ou de sua autora. Esta forma viciada de ler não tem nada que ver, por isso mesmo, com o pensar certo e com o ensinar certo. (FREIRE, 1996, p. 30)

Ensinar a ler e escrever palavras cheias de sentido. Estimular a leitura, ler criticamente, primar pela qualidade das obras a serem dadas à leitura, lembrar que uma leitura essencial fica como um presente no coração e na mente daqueles que a consomem. Produzir também, escrever, Vale ressaltar que uma escrita essencial é aquela que tem a dizer, que pode edificar, que objetiva transformar, essas são as ações escolares das mais eficazes contra a dominação, a favor da liberdade.

## Referências

ARAÚJO FREIRE, Ana Maria. **Paulo Freire**: uma história de vida. São Paulo: Villa das Letras, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire**, o menino que lia o mundo, uma história de pessoas, de letras e de palavras. 2013. Disponível em: [http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4218/2/FPF\\_PTPF\\_12\\_101.pdf](http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4218/2/FPF_PTPF_12_101.pdf). Acesso em: 19/09/2021.

BRASIL. **Respostas dos professores** ao questionário do SAEB. Disponível em: <https://novo.gedu.org.br/questionarios-saeb/professores/7-brasil>. Acesso em: 19.09.2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989. (Coleção Polêmicas de Nosso Tempo, v. 4)

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 44. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil 5** (pesquisa). Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em: 01.07.2021.

SUTHERLAND, John. **Uma breve história da literatura**. Trad. Rodrigo Breuning. 2. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

### **Sobre a autora**

**Isabelle de Luna Alencar Noronha** é Pedagoga (URCA), tem mestrado em Educação Comunicação e Cultura (UFPB) e doutorado em Educação (UFPB). Atualmente ocupa as funções de Diretora do Centro de Educação/URCA e Coordenação Institucional do Programa de Residência Pedagógica (URCA).

*E-mail:* [isabelle.luna@urca.br](mailto:isabelle.luna@urca.br).

**Eliacy dos Santos Saboya Nobre** Pedagoga pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestra e Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Adjunta do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri (URCA).

*E-mail:* [isabelle.luna@urca.br](mailto:isabelle.luna@urca.br).